

A **Biblioteca FNLIJ** dá acesso às informações de seu acervo de livros de literatura infantil e juvenil, publicados no Brasil, sendo permanentemente atualizada, com a produção brasileira de literatura para crianças e jovens, incluindo informativos e teóricos sobre LIJ, leitura e áreas afins.

A realização da Biblioteca FNLIJ é resultado do projeto Literatura para Crianças e Jovens no Brasil, patrocinado em sua primeira fase pela Caixa Econômica Federal, por meio do Programa de Adoção de Entidades Culturais e, em sua segunda fase, pela Petrobras.

Acesse o catálogo pelo site www.fnlij.org.br.

Biblioteca FNLIJ



CAIXA



Ministério de
Cultura
BRASIL
PAÍS BONITO PAÍS SEM FURTEZA



FNLIJ
DESDE 1968

**FUNDAÇÃO NACIONAL DO
LIVRO INFANTIL E JUVENIL**

Prêmio FNLIJ 2011
Produção 2010

Justificativas dos votantes

www.fnlij.com.br

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Prêmio FNLIJ 2011

Produção 2010

Justificativas dos votantes



FNLIJ

DESDE 1968

VOTANTES DO PRÊMIO FNLIJ 2011

Alice Áurea Penteado Martha, CEALE – Grupo de Pesquisa LIJ – UFMG – Responsável: Célia Abicalil Belmiro, Celina Dutra da Fonseca Rondon, Elizabeth D'Angelo Serra, Fabíola Ribeiro Farias, Gláucia Maria Mollo, Iraídes Maria Pereira Coelho, Isabel Maria de Carvalho Vieira, Isis Valéria Gomes, João Luis Cardoso Tápicas Ceccantini, Laura Sandroni, Maria das Graças M. Castro, Maria Neila Geaquinto, Maria Teresa Gonçalves Pereira, Maria Tereza Bom-Fim Pereira, Marisa Borba, Neide Medeiros Santos, PROALE – Programa de Alfabetização e Leitura - UFF – Responsável: Cecília Maria Goulart, Regina Zilberman, Rosa Maria Cuba Riche, Rosa Maria Ferreira Lima, Sueli de Souza Cagneti, Tânia Piacentini, Vera Lúcia dos Santos Varella e Vera Teixeira de Aguiar.

CONSELHO DIRETOR: Gisela Zincone (Presidente), Ísis Valéria Gomes, Alfredo Gonçalves. **CONSELHO CONSULTIVO:** Alexandre Martins Fontes, Carlos Augusto Lacerda, Laura Sandroni, Luiz Alves Junior, Sonia Machado Jardim, Suzana Sanson. **CONSELHO FISCAL:** Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira, Terezinha Saraiva. **SUPLENTE:** Jorge Carneiro, Mariana Zahar Ribeiro e Regina Bilac Pinto. **CONSELHO CONSULTIVO:** Alfredo Weiszflog, Ana Ligia Medeiros, Annete Baldi, Beatriz Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ferdinando Bastos de Souza, Jefferson Alves, José Alencar Mayrink, José Fernando Ximenes, Lília Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Lemos, Rogério Andrade Barbosa, Sílvia Gandelman e Wander Soares. **SECRETÁRIA GERAL:** Elizabeth D'Angelo Serra.

MANTENEDORES

Abrelivros, Agência Literária Riff, Aletria, Alis, Artes e Oficinas, Ática, Autêntica, Balsa Planeta Internacional, Berlendis & Vertecchia Editores, Bertrand Brasil, Biruta, Brinque-Book, Callis, CBL, Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, Ciranda Cultural, Companhia das Letrinhas, Companhia Editora Nacional - IBEP, Cortez, Cosac Naify, DCL, Dimensão, Doble Informática, Duna Dueto, Edelbra, Ediouro, Editora 34, Editora do Brasil, Editora Brasiliense, Escala Educacional, Elementar, Florescer, FTD, Fundação Casa Lygia Bojunga, Girafinha, Girassol Brasil, Global, Globo, Gráfica Editora Stamppe, Gryphus, Guanabara Koogan, Iluminuras, Imperial Novo Milênio, Jorge Zahar, José Olympio, Jovem, Larousse do Brasil, Lê, Littere, L&PM, Manati, Manole, Marcos da Veiga Pereira, Martins Martins Fontes, Mazza, Melhoramentos, Mercuryo Jovem, Moderna, MR Bens, Mundo Mirim, Nova Alexandria, Noovha América, Nova Fronteira, Objetiva, Pallas, Panda Books, Paulinas, Paulus, Peirópolis, Planeta do Brasil, Positivo, Pinakothek Artes, PriceWaterhouseCoopers, Projeto, Prumo, Record, RHJ, Ridell, Rocco, Roda Viva, Rovelle, Salamandra, Salesianas, Saraiva, Scipione, SM, SNEL, Studio Nobel, Uni Duni, WMF Martins Fontes, Zit.

APRESENTAÇÃO

Esta publicação traz as justificativas para os livros ganhadores do Prêmio FNLIJ 2011 – Produção 2010, selecionadas entre as que foram escritas pelos votantes da FNLIJ que, como colaboradores, leram e analisaram os livros enviados pelas editoras para a 37ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ 2011 – Produção 2010.

Entre julho e dezembro de 2010, foram enviados à FNLIJ 1.168 títulos relativos à produção do ano, por 125 editoras, para a 37ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ. Do total de livros recebidos, 1.067 são títulos inéditos no mercado, 70 edições renovadas e 31 reedições. Todos os livros foram classificados de acordo com os critérios das 14 categorias.

A FNLIJ espera contribuir, por meio desta publicação, para o trabalho de pesquisa de professores, bibliotecários e estudiosos, assim como divulgar as obras vencedoras do Prêmio FNLIJ 2011 – Produção 2010 para constituição de acervos das bibliotecas da escola e pública.

Na página ao lado, apresentamos uma tabela com a distribuição dos 1.168 títulos de acordo com as 14 categorias utilizadas na Seleção Anual do Prêmio FNLIJ, oferecendo uma amostragem quantitativa do acervo recebido. Todas as publicações premiadas estão à disposição na biblioteca para os mantenedores e associados da FNLIJ.

As informações sobre todos os livros recebidos para a Seleção Anual do Prêmio FNLIJ estão disponíveis no site www.fnlij.org.br

PRODUÇÃO 2010

categorias	títulos
CRIANÇA	391
IMAGEM	24
INFORMATIVO	64
JOVEM	167
LIVRO BRINQUEDO	15
POESIA	70
RECONTO	81
TEATRO	17
TEÓRICO	13
LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA	16
TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO - CRIANÇA	183
TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO – JOVEM	89
TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO – RECONTO	6
TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO – INFORMATIVO	32
TOTAL DE TÍTULOS	1.168

Palhaço, macaco, passarinho.

Eucanaã Ferraz. Il.Jaguar. Companhia das Letrinhas

O poeta Eucanaã Ferraz brinda o pequeno leitor com um texto que encanta pela alegria e originalidade. Em *Palhaço, macaco, passarinho*, o autor revela uma rara competência e criatividade em se para escrever textos literários para crianças de pouca idade. Graça, humor e simplicidade, aliados ao aspecto lúdico são algumas das qualidades reveladas em sua leitura. As estruturas frasais são simples, ricas e, com certeza, propiciarão ao leitor ou ouvinte momentos bastante lúdicos. E, ao desvendar de cada página, a curiosidade do leitor/ouvinte vai sendo aguçada mais e mais... Em cada página, palavras são trocadas para criar novos sentidos, novos risos, novos voos imaginativos, quase um jogo de sintaxe. O texto de Eucanaã Ferraz e as ilustrações do cartunista Jaguar são um forte estímulo para a imaginação do leitor/ouvinte. Jaguar criou desenhos que, em si, trazem uma narrativa visual e que, de acordo com o leitor, poderá ser outra história. Enfim, uma alegre e encantadora história, em um belo projeto gráfico. **MARISA BORBA**

Com uma linguagem simples e original, Eucanaã Ferraz brinda as crianças com uma excelente obra, cheia de humor, demonstrando que os humanos são parecidos com os macacos e com os passarinhos. As brincadeiras feitas pelo macaco, o palhaço e o passarinho encantam o público-alvo, tornando o livro um objeto prazeroso. As ilustrações com traços fortes do Jaguar e com um projeto gráfico bem elaborado reúnem todos os requisitos para a obra merecer o prêmio de O Melhor Livro para Criança. **ROSA MARIA FERREIRA LIMA**

O poeta, professor universitário e ensaísta Eucanaã Ferraz (1961) alcança um resultado dos mais estimulantes nesse álbum (ou livro ilustrado), que recusa a compartimentalização em gêneros ou subgêneros. O texto verbal destaca-se por sua concisão e ritmo, próprios da poesia, ao dar corpo a uma estrutura narrativa marcada pelo paralelismo, que aproxima de modo sistemático os três personagens-chave da obra – palhaço, macaco e passarinho. Tensões, paradoxos e *nonsense* emergem da prosa poética de Ferraz, provocando a inteligência e a imaginação do leitor, com o auxílio significativo de ilustrações vazadas no traço bem-humorado, irreverente e corrosivo do cartunista Jaguar (1932). **JOÃO LUIS CECCANTINI**

Os versos de Eucanaã com as ilustrações de Jaguar constroem um circo mágico muito divertido. O autor cria uma espécie de jogo no qual em cada página as palavras são trocadas, com novos sentidos, novo ritmo. As brincadeiras do texto estimulam a capacidade de observação e imaginação da criança. Texto e ilustrações entrosadas, impressão a quatro cores. **CELINA RONDON**

PRÊMIO FNLIJ ORÍGENES LESSA | O MELHOR LIVRO PARA O JOVEM

Mururu no Amazonas.

Flávia Lins e Silva. Il. Maria Inês Marins e Sílvia Negreiros. Manati

Mururu no Amazonas apresenta vários motivos para que sua leitura seja vivamente recomendada. É uma história sobre o Brasil e suas especificidades tão instigantes, contada com uma linguagem poética que envolve e acaricia pelos recursos linguísticos expressivos utilizados, com um vocabulário saboroso típico da região, mas que não torna hermético o texto, pelo contrário, dá-lhe sabor, passando ao leitor impressões sensoriais que o seduzem. A poesia que perpassa a prosa conta a história de uma menina-moça, no limiar de descobertas e experiências pessoais, que serão o portal para uma nova etapa de sua vida. Flávia Lins e Silva narra com muita sensibilidade os fatos que a conduzem às mudanças, colocando a região Amazônica como pano de fundo e o elemento “água” como catalisador das transformações que envolvem a descoberta do amor, com prisão e liberdade embutidas. É um belo livro que prende a atenção pela vertiginosa viagem nas águas da região Amazônica no casquinho Mururu, impulsionada pela linguagem que se serve de termos e expressões caracterizadoras do espaço em que se movem os personagens. Ainda nos são apresentados aspectos de uma região distante fisicamente, que se torna próxima pelas palavras. **MARIA TERESA GONÇALVES PEREIRA**

Toda a ação se passa no rio Amazonas e nos seus afluentes. O leitor acompanha a trajetória de Dorinha, uma “menina-moça, menina-amazona, mulher-pássaro” e seu encontro com Piú, um caboclo amazonense tão amante da natureza quanto sua companheira. Juntos, eles descobrem a desova do “tracajá”, tartaruga que habita os rios amazonenses; as sumaúmas, árvore de porte gigantesco. Há uma bonita passagem do livro, reveladora da descoberta do amor, que merece registro: “Deitado comigo, Piú se faz homem,

cada vez mais homem, e eu já não sou quem era: sou mulher inaugurada”.
(p. 55) **NEIDE MEDEIROS SANTOS**

Há nas águas de *Mururu no Amazonas* borbulhas do poeta pantaneiro Manoel de Barros, que em Arranjos para assobios verseja:

“A gente é cria de frases

Escrever é cheio de cascas e pérolas.”

E é com cascas e pérolas que Flávia Lins e Silva tece a narrativa de *Mururu no Amazonas*. É a voz da menina-moça Andorinha (ou Dorinha como a chamam na escola) explicitando seu entendimento com as águas da Amazônia, onde passa seus dias.

“Não me fio na terra. Meu entendimento é com a água.”

E assim, Andorinha sai em seu casquinho Mururu pela imensidão das águas da Amazônia. Quer encontrar seu pai e também tracajás para o aniversário da mãe. Vai pelo mundo feito de águas no seu barco de uma só pessoa. Sente medos e fomes. Vai por igapós, rios e corredeiras até encontrar o caboclo Piú: um menino homem com gosto de fruta e cheiro de terra. No encontro das águas cristalinas e barrentas, ela deseja ser chamada de cunhã. E Dorinha se torna mulher. Flávia Lins e Silva traz ao leitor de *Mururu no Amazonas* uma prosa poética que flui no ritmo das águas, no tempo das águas... Às vezes mansas; às vezes como corredeiras, mas sempre límpida. Toda a transformação de Dorinha vem narrada mansa, delicada e tensamente. A autora não fecha o conto, como não se fecham as águas, os ventos e o tempo. **MARISA BORBA**

Mururu no Amazonas é um livro lindo, dos mais belos que li nos últimos tempos. Seu texto denso, mas fluido como o rio navegado por Dorinha e Mururu, nos provoca e convida a experimentar as imagens e sons literários oferecidos pela narrativa. Uma narrativa amorosa, que cresce e ganha corpo – e calor e dor e liberdade –, como parece acontecer a sua autora, Flávia Lins e Silva que, com esse livro, se inaugura e se reinventa em macia e libertária literatura. **FABÍOLA FARIA**

Selvagem.

Roger Mello. Global

Roger Mello mostra mais uma vez a sua criatividade, valendo-se de um tipo de narrativa que valoriza não apenas o elemento visual, mas também as possibilidades do livro enquanto materialidade, já que o mero virar das páginas favorece o desenvolvimento da ação. **REGINA ZILBERMAN**

Em sequência de imagens que jogam com as cores preta, branca e laranja, o autor cria uma narrativa que critica a caça dos animais selvagens. No final, os papéis são invertidos, o que leva o leitor a concluir que o homem é o ser verdadeiramente selvagem. De propósito, o texto não traz um chamamento na quarta capa, que usualmente facilita a leitura. Esse é mais um desafio para o leitor. A edição em capa dura, ilustrações coloridas de animais no início e no fim, valoriza a mensagem a ser descoberta pelo leitor através do jogo de imagens. **VERA AGUIAR**

Selvagem, de Roger Mello, é um livro de imagem para todas as idades. O título, constituído pela duplicidade linguística, a linguagem verbal e uma pequena vinheta também presente no miolo da obra, apresenta-se na capa dura, cor laranja, com caracteres pretos, assim como a figura do tigre em movimento, de costas para o leitor. Tanto a capa como a contracapa interna e as primeiras páginas de guarda têm belos “retratos” de animais da Indonésia, troféus de caçadores, de beleza exótica, em estreita sintonia com o conjunto da obra. Nas páginas seguintes, como a preparar o espírito dos leitores para a dificuldade do trajeto para a liberdade, folhas negras antecipam imagens sem cor, em contraste com a cor laranja das páginas internas que trazem o título. O conjunto de elementos plásticos, imagens esfumadas em preto, cinza e branco, enquadra duas figuras narrativas fundamentais, o caçador e o caçado, o homem e o tigre; papéis que se invertem quando o homem assume o lugar do animal no porta-retratos. O conjunto dos elementos narrativos – ambientação, perspectiva, personagens e linguagem (traços, cores, forma, luz, enquadramento) – possibilitam aos leitores o reconhecimento de suas experiências no mundo narrado. **ALICE ÁUREA MARTHA**

Na arte, homem e animal podem ser representados e apresentados ao público de modo distinto da vida real. Assim faz Roger Mello nesse livro de narrativa visual, que discute um interessante ponto de vista entre selvagem e civilizado. Por serem inúmeras as reflexões que ele suscita, dispensa qualquer indicação por faixa etária. **SUELI DE SOUZA CAGNETI**

PRÊMIO FNLIJ LUÍS JARDIM | O MELHOR LIVRO DE IMAGEM

Telefone sem fio.

Ilan Brenman e Renato Moriconi. Companhia das Letrinhas

O livro retrata a brincadeira do telefone sem fio. Um personagem inicia a conversa falando ao ouvido de outro personagem, que repassa o que ouviu para outro personagem e assim sucessivamente até o final do livro. A sequência é interessante e criativa, proporcionando ao leitor inúmeras possibilidades de inferência. Uma surpresa acontece quando se alcança a página central: há o desaparecimento de um dos personagens. O leitor desatento pode não perceber de imediato, porém o fará conforme for virando as páginas seguintes. As ilustrações são extremamente ricas em detalhes, além de enormes e coloridas. Juntas ao projeto gráfico caprichado, elas merecem ser vistas por crianças e adultos leitores. **GLÁUCIA MARIA MOLLO**

Representados por meio de ilustrações, personagens de histórias infantis (Chapeuzinho Vermelho, lobo, caçador), piratas e cavaleiros medievais passeiam pelas páginas desse livro em formato grande. As mãos ao pé do ouvido simulam uma conversa por telefone sem fio, brincadeira de criança do tempo passado. Houve o aproveitamento de pinturas de pintores famosos, mas com um toque de jocosidade. **NEIDE MEDEIROS SANTOS**

A indicação do livro *Telefone sem fio* se dá pela diferença do seu padrão de imagem frente aos outros que estão no mercado. As cores são fortes e as imagens têm profundidade. A sequência dessas imagens se torna inusitada ao colocar em contato personagens de contextos variados.

Do ponto de vista histórico, havia o hábito de passar informações valiosas ao rei ao pé do ouvido para que o segredo não fosse descoberto pelo inimigo. Fato que, segundo alguns historiadores, fez com que não houvesse registros escritos sobre descobertas de continentes por outras nações. No referido livro, o autor parece fazer alusão a esse fato ao propor uma brinca-

deira do telefone sem fio, iniciada pelo bobo da corte passando uma informação ao rei. A pergunta é: o que será que eles estão cochichando? Já que o repasse de mensagens termina com um cão muito satisfeito com o que lhe chegou ao ouvido. Enfim, a proposta de imagens do referido livro pode aguçar bastante a imaginação de seu leitor. **GPELL – CEALE**

Um livro de imagens pensado a partir de uma reunião de crianças e adultos numa mesa de restaurante à beira-mar, segundo o autor. O tamanho desse livro chama a atenção; na bela capa colorida, um pirata acena. Ao folhear as páginas, plasticamente produzidas, saltam personagens do imaginário infantil. Reis, arlequins, piratas, escafandristas, a vovozinha do Chapeuzinho Vermelho, o lobo, a menininha etc. Todos passam informações através de um cochicho, e com ele produzem apreensão, alegria, estranheza e tudo o mais que possa divertir e provocar a curiosidade. Cada imagem provoca uma sequência de situações que juntam a beleza plástica com novas leituras que o texto pode emitir. Essas leituras só o leitor pode construir. A impressão das imagens em *offset* sobre o papel deixa mais forte o colorido e consistentes as páginas, como se folheássemos um belo álbum de personagens da história infantil. **IRAÍDES COELHO**

PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO | A MELHOR TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO
CRIANÇA

É um livro.

Lane Smith. Trad. Júlia Moritz Schwarcz. Companhia das Letrinhas

A obra de Lane Smith constitui uma divertida defesa do livro, lidando de modo criativo com duas formas de identificação material do mundo da leitura – o propiciado pelo objeto livro e o decorrente das ferramentas da informática.

REGINA ZILBERMAN

Desde a invenção de Gutemberg até os dias de hoje, as variações em torno do livro não modificaram a sua função. E lá se vão quinhentos anos. O Objeto livro encontra e vence seus desafios “e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Ele pode modificar: talvez as páginas não sejam mais de papel”. Esse livro infantil aborda o assunto de forma lúdica e prazerosa. Encanta crianças e adultos. **MARIA NEILA**

GEAQUINTO

A proposta de apresentar a um burrinho o objeto “livro” em contraponto ao computador é de uma originalidade surpreendente. A linguagem e a ilustração são extremamente simples, expressivas e integradas. **ISABEL MARIA VIEIRA**

A temática é muito interessante nesses tempos da era digital, comparando as funções do computador com as possibilidades do livro. O burro pergunta se o livro desce a sua página é tipo um blog, se tem mouse, se emite som etc. É interessante quando o burro pega o livro porque é como se o leitor também o pegasse, pois a página que segue é a da história que o personagem estava lendo. As ilustrações são uma graça. **TÂNIA PIACENTINI**

A MELHOR TRADUÇÃO | ADAPTAÇÃO INFORMATIVO

Brevíssima história de quase tudo.

Bill Bryson. Trad. Hildegard Feist. Il. Yuliya Somina e Martin Sanders. Companhia das Letrinhas.

À moda do almanaque, esse livro certamente satisfaz a curiosidade infanto-juvenil. **REGINA ZILBERMAN**

Brevíssima história de quase tudo é daqueles livros que se lê “de uma tacada só”, não importando muito se os assuntos tratados são todos do nosso interesse. O texto é tão bem elaborado e as informações tão bem selecionadas que o leitor as devora com gosto e vontade de “quero mais”. Abrange várias áreas do saber e responde a muitas dúvidas que um dia tivemos e deixamos passar. No prefácio, o autor conta que o livro é uma versão reduzida de outro maior e mais completo e, dentre o que escreve, pontua como é importante observar as coisas por dentro, esclarecendo que tudo o que existe é surpreendente visto por esse aspecto. Convida, pela leitura do livro, a descobrir as novidades que procurou durante a vida. As engenhosas ilustrações ajudam a acompanhar os conteúdos apresentados, permitindo que o leitor aprenda ludicamente, enriquecendo-se com uma “história do conhecimento” peculiar. **MARIA TERESA GONÇALVES PEREIRA**

O livro *Brevíssima história de quase tudo* é uma adaptação para crianças e jovens do livro para adultos *Breve história de quase tudo*. O livro é escrito em linguagem coloquial, com bastante bom humor, e nos apresenta conceitos

generalizados sobre quase tudo que há e que acontece no planeta Terra. O texto informa desde o surgimento da vida até o que nós humanos estamos fazendo para exterminar o nosso planeta. Porém, o texto não é didático, pelo contrário, brinca com coisas sérias e, portanto, faz com que as informações sejam lidas e absorvidas pelo leitor de forma simples e eficiente. O texto difere de tantos outros que se destinam a informar sobre esse assunto e que nem sempre obtêm sucesso. As ilustrações também possuem graça e humor, a capa é extremamente sedutora, muito caprichada, e o projeto gráfico agrada. **GLÁUCIA MARIA MOLLO**

Brevíssima, somente porque o autor informa que o livro é uma versão reduzida de outro maior e mais completo. São tantas as informações que abrangem as mais variadas áreas do conhecimento que, certamente, atingirá os mais diferentes leitores. Com informações bem selecionadas e ilustrações criativas, *A Brevíssima história de quase tudo* permite que os leitores aprendam os conteúdos apresentados de forma lúdica e prazerosa. **VERA VARELLA**

A MELHOR TRADUÇÃO | ADAPTAÇÃO INFORMATIVO

A vida secreta das árvores.

Bhajju Shyam, Durga Bai e Ram Singh Urveti. Trad. Mônica Stahel.
WMF Martins Fontes.

O belíssimo livro *A vida secreta das árvores* leva-nos a ter contato com um universo cultural, simbólico, mítico e artístico muito rico e pouco conhecido por nós ocidentais. Os três autores do texto verbal, que também assinam as ilustrações, são da tribo gonde, da Índia Central. O livro nos informa, em suas páginas finais, que essa tribo é muito dedicada às artes visuais e que, como grande parte dos gondes morava na floresta, as árvores estão muito presentes em seu imaginário, fomentando narrativas e crenças. Símbolo da vida em perpétua evolução e em ascensão para o céu, a árvore põe igualmente em comunicação os três níveis do cosmo: o subterrâneo, a superfície e as alturas, como nos ensinam Chevalier e Gheerbrant que afirmam: “Pelo fato de suas raízes mergulharem no solo e de seus galhos se elevarem para o céu, a árvore é universalmente considerada como símbolo das relações que se estabelecem entre a terra e o céu. Por isso tem o sentido de centro.” (1994, p. 84). **PROALE**

Mais que um livro informativo sobre árvores, *A vida secreta das árvores* trata da visão de mundo do povo gonde, tribo da Índia Central, extremamente ligado às artes visuais, que podem ser apreciadas em pinturas nas paredes e no piso de suas moradias. A crença de que árvores são seres sagrados que adquirem vida à noite materializa-se em belíssimas imagens de serigrafia sobre papel preto, cada qual com sua história. Ilustrações magistrais, com linhas e padrões diferenciados, cores fortes, revelam as árvores como centro do universo, responsáveis pela vida do homem: à luz do dia, dão abrigo e alimento para o corpo; à noite, emanam luz e sabedoria, pão para o espírito.

ALICE ÁUREA MARTHA

Esse é um livro de arte e folclore da tribo gonde, da Índia Central. Os gondes acreditam que as árvores são o centro da vida, por serem tradicionalmente habitantes da floresta e acreditarem que durante o dia, as árvores se empenham em oferecer sombra, abrigo e alimento para todos e à noite, depois que todos os visitantes diurnos se vão, os espíritos das árvores se revelam. Os desenhos primorosos de árvores que povoam as páginas desse foram feitos a partir de reproduções em *silkscreen*, feitas artesanalmente sobre papel preto, de gravuras originais numeradas de Ram Singh Urveti, Bhajju Shyam e Durga Bai, três dos principais artistas vivos da tradição gonde. **MARIA DAS GRAÇAS M. CASTRO**

Os gondes são um povo que vive em Madhya Pradesh, na Índia Central. Para eles a arte é uma forma de prece e acreditam que a fortuna cabe àqueles cujos olhos encontram uma boa imagem. A cultura indiana é assim: surpreendente, surreal. Para os gondes não há representações em perspectiva, realismo, luz, ou tridimensionalidade; entretanto, seus artistas dizem tudo e transmitem o universo místico da natureza com criatividade própria de rara beleza. No livro, três pintores retratam árvores e arbustos do seu entorno, em formas retorcidas e simbologias de animais ilustrando curtas narrativas híndi. Sem Adão ou Eva, há o encantamento do mito da criação. São as árvores de outro paraíso perdido, estranho a nossa tradição, com representações semelhantes e as mesmas inquietações humanas. As ilustrações, em perfeita harmonia com as narrativas poéticas emocionam pela imersão em um mundo diferente do nosso e, ao mesmo, tempo tão igual pelo misticismo presente na representação gráfica. Uma belíssima e original publicação de valor estético inestimável. **ISÍS VALÉRIA**

A janela de esquina do meu primo.

E.T.A.Hoffmann. Trad. Maria Aparecida Barbosa. Il. Daniel Bueno.
Cosac Naify

O conto de Hoffmann acontece na cidade de Berlim, na principal praça num dia de feira semanal. A única abertura para o mundo é a janela de onde ele observa toda a praça. Com a visita do primo, os dois descrevem os tipos que frequentam a feira, da simples observação passam para a reflexão, recriando personagens e suas histórias. A partir do olhar, ou melhor, da arte de enxergar podemos criar situações para cada frequentador da feira. A ilustração de Daniel Bueno retrata os personagens e a arquitetura da principal praça de Berlim a partir de imagens da época, utiliza a técnica da colagem e reproduz figurinos e elementos do século XIX. A ilustração é fragmentada nas margens das páginas como uma janela que se abre e, nas páginas 54/55, no final do conto temos a visão da praça com seus prédios e o colorido de seus frequentadores. A edição é enriquecida com um posfácio de Marcus Mazzari. Situa o conto em Berlim com fotos e gravuras de época, caricaturas de personagens desenhadas pelo autor, chama a atenção para a importância do olho íntimo, do olho que realmente enxerga. Produção gráfica, diagramação e capa são um convite para ler *A janela de esquina do meu primo*. **CELINA RONDON**

A história gira em torno de um escritor que ficou paralítico e da janela do seu quarto, que se situa defronte ao mercado dos Gendarmes, praça do centro de Berlim, ele se contenta em observar o que se passa na praça e observa tudo que a vista alcança. Dois personagens têm atuação marcante: o escritor paralítico e um primo que sempre o visita e funciona como um eu-narrador. Se a paralisia impede que continue escrevendo histórias, agora só lhe resta observar o que se passa na praça e transmitir essas impressões ao primo visitante. Um destaque especial para as ilustrações de Daniel Bueno que retratou cenas entrecortadas como se fossem vistas de uma abertura de janela. **NEIDE MEDEIROS SANTOS**

Uma janela, uma luneta, um olhar e tantas histórias. Assim pode ser definido, grosso modo, o livro do escritor alemão E.T.A. Hoffmann, *A janela de esquina do meu primo*, vertido para a língua portuguesa na tradução de Maria

Aparecida Barbosa. Um livro que representa e apresenta com sensibilidade os deslocamentos do olhar. Pessoas de uma feira que se transformam em personagens e revelam, a cada movimento, passo ou gesto, histórias aparentemente escondidas, porém, resgatadas pelo olhar atento daquele que observa de uma janela de esquina. O livro é lindo! E nos remete à tradição baudelairiana do *flâneur*, do homem na multidão, da cidade começando a se constituir. Uma excelente contribuição à história da cultura das civilizações. **TÂNIA PIACENTINI**

A obra, publicada em 1820, é uma narrativa autobiográfica, diferente da produção anterior do autor. O primo convalescente, que da janela do seu quarto, analisa os tipos que circulam no mercado da praça e cria para eles uma história de vida, tem no primo visitante, seu interlocutor. Dois olhares: o do arguto observador que compara tipos aos personagens retratados por artistas famosos e o olho real do visitante. As referências de pé de página contextualizam a época, orientam e ampliam o universo cultural do leitor. A filosofia corre paralela nos comentários das cenas narradas. As ilustrações, à direita da página, são recortes das cenas maiores em página dupla; como uma lente que recorta detalhes e amplia o foco. O estudo sobre o autor, publicado no final, complementa e elucida a sua importância para a literatura universal. O projeto gráfico cuidadoso, a capa dura e a diagramação dão suporte à obra. **ROSA CUBA RICHE**

A MELHOR TRADUÇÃO | ADAPTAÇÃO JOVEM

7 contos crus: embora este não seja um bom lugar para nascer.

Ricardo Gómez. Trad. Paloma Vidal. Il. Juan Ramón Alonso.

Edições SM.

O fio condutor do livro é a crueza, a barbárie. A obra traz à luz temáticas que por mais antigas que sejam ainda nos assolam na contemporaneidade: a guerra, a opressão, a morte. Por isso o recado é tão importante. O autor, muito apropriadamente, escolhe o conto – um gênero curto, forte – para apresentar sua indignação em relação à mediocridade humana. Faz uma opção clara pelos contrastes: o instinto e a ternura, a infância e a guerra, o sonho e o consumismo, a honestidade e a corrupção. Nem o tom levemente didático, vazado em alguns momentos, nem a ausência de um trabalho

mais apurado com a linguagem conseguem obscurecer a força do livro. *7 Contos Crus* consegue ser uma bofetada bem dada, o nocaute como diria Cortázar, no estômago daqueles que ainda precisam compreender que não basta nascer humano, que humanizar-se é uma tarefa sem fim e que a literatura pode ser uma boa estratégia para isso. **ISABEL MARIA VIEIRA**

Os contos são crus, poéticos, comoventes, falam de diferentes lugares e angustias iguais dos personagens em meio à intensidade de suas vidas às vezes pontuadas de pequenas alegrias e muita esperança. O livro faz parte da coleção *Comboio de Corda* da Editora SM que veio para nos lembrar às adversidades e crueldades do mundo. Colocar um pouco de solidariedade e conscientização na formação do leitor jovem e um olhar, mais atento, para questões do mundo contemporâneo. Imerso no horror das guerras que deixam um rastro de sofrimento e destruição. Os autores são espanhóis. O escritor é um leitor voraz, desde menino. Tem um lindo estilo literário, bem preservado na tradução de Paloma Vidal. Já publicou muito. O ilustrador é senhor de uma arte madura, artista que já ilustrou vários livros infantis e juvenis e recebeu muitos prêmios. O projeto gráfico é ousado. Um livro em formato grande, ilustrado com fotos e desenhos em técnicas, como o lápis e a aquarela. **ISÍS VALÉRIA**

7 contos crus é um desses livros que, a um só tempo, nos impactam e nos emocionam. Seus temas, atravessados de beleza e dor, transitam entre as pulsões de vida e morte. Passando-se em diferentes épocas e contextos geográficos, culturais e sociais, as histórias têm um ponto em comum: todas apresentam personagens vivendo situações extremas, nas quais o medo, o desespero, o desalento, o aniquilamento se fazem presentes como algo inerente à experiência humana. Três dos sete contos – *O homem que abriu caminho para o mar*, *Mamãe, compra um jacaré!* e *O fantasma do capitão Cook* – são do gênero fantástico. Os demais apresentam personagens e situações que se conectam mais de perto com o plano do real concreto. Os contos também apresentam diversificados focos e estratégias narrativas. A variedade de propostas ficcionais e de vozes narrativas que tratam, todas elas, de temas polêmicos faz do livro uma obra singular. Essa singularidade advém, principalmente, da grande força estética do texto literário de Ricardo Gómez, competentemente traduzido por Paloma Vidal, e das expressivas ilustrações de Juan Ramón Alonso, que aliam diferentes técnicas

em sua composição, e dialogam com o texto verbal de modo contundente. Trata-se de um projeto gráfico/editorial muito relevante para o público jovem, que encontrará em suas páginas um profundo painel da crueza e complexidade do ser humano, para o qual sempre restará uma esperança.

PROALE

São contos contemporâneos simples, mas que levam o jovem leitor à reflexão sobre o valor da vida diante dos acontecimentos violentos do mundo. Vão do clima de tensão e medo que ronda a cidade de Beirute no Líbano, e outras regiões em guerra no Oriente Médio, passando pelas circunstâncias de luta pela sobrevivência que identificam animais como no confronto entre o leão e o homem, e a imposição da violência que circunda as sociedades de consumo da vida moderna. Um livro questionador sobre o significado da vida num mundo de injustiças e barbárie. **IRAÍDES COELHO**

A MELHOR TRADUÇÃO | ADAPTAÇÃO RECONTO

O tecido dos contos maravilhosos: contos de lugares distantes.

Recontados por Tanya Robyn Batt. Trad. Waldéa Barcellos. Il. Rachel Griffin. WMF Martins Fontes.

Na estrutura do livro, *O tecido dos contos maravilhosos: contos de lugares distantes*, destaca-se a originalidade de cada conto ser antecedido de informações e/ou narrativas reais que fazem um contraponto com as histórias maravilhosas que se seguirão. A Capa de plumas, um conto do Hawai é precedido da história dos tecidos das Ilhas do Pacífico. Ao ler o conto Anaet, a perspicaz (da Armênia), previamente o leitor poderá se informar sobre a tapeçaria do Cáucaso e da Pérsia, as lãs utilizadas, os tapetes feitos com nós persas ou nós turcos. A história da seda, sua utilização para a confecção do brocado, do damasco, do veludo e do cetim antecede o conto O brocado de seda, originário da China. Os contos maravilhosos, recolhidos por Tanya Robyn Batt, vêm de lugares distantes como Armênia, Suaili (África Oriental), China, Hawai, Suécia, Indonésia e sua literatura é ainda pouco traduzida aqui no Brasil. O Casaco de Retalhos, recolhido da cultura judaica, lida muito bem com a sabedoria popular e também é oferecido ao leitor informações muito interessantes sobre colchas de retalhos, matelassê e *patchwork*. Esses dois tipos de texto encantam, pois unem o comum ao fabu-

loso e são ambos plenos de literariedade. Enquanto o texto informativo lida com a arte e a criação nos diferentes povos, os contos maravilhosos lidam com conteúdos da sabedoria popular, com condições essenciais da condição humana: o amor, o medo, a necessidade de vencer obstáculos para satisfazer o desejo de alguém que se ama. O objeto livro é primoroso: a capa, o papel utilizado, a diagramação, as ilustrações ligando a arte de contar histórias com a arte de se fazer tecidos. É importante ressaltar que Tanya Robin Batt cita todas as fontes dos contos, assim como a bibliografia consultada, denotando um enorme respeito pelo leitor. **MARISA BORBA**

São sete contos maravilhosos precedidos de uma exposição, como um pano de fundo, de cada um deles. Ou melhor, Tanya R. Batt apresenta o contexto histórico e geográfico em que cada um foi concebido. Como a própria autora afirma, narrar a história através dos tecidos é difícil pela fragilidade do pano. Mas Tanya conseguiu reunir, com uma pesquisa minuciosa e ela cita a bibliografia consultada, várias histórias das diferentes culturas e nos proporcionar uma visão encantadora “dos intrincados caminhos que se e trelaçam e formam a trama e a urdidura do tecido da vida”. A ilustração de Rachel Griffin enriquece o texto com cores e formas delicadas apresentado a criatividade dos povos pesquisados. Vida longa aos artesãos e aos frágeis tecidos maravilhosos produzidas por verdadeiras mãos de fadas. **MARIA NEILA GEAQUINTO**

Os contos que compõem o livro, oriundos de lugares distantes, pouco conhecidos pelos pequenos leitores, podem contribuir para ampliar significativamente o reconhecimento da alteridade. Como o título anuncia, as histórias narradas estabelecem estreita ligação com modos de tecer, tais como a tapeçaria do Cáucaso e da Pérsia, representada por uma narrativa da Armênia; os tecidos da África oriental, com um conto sualí, e a seda, lembrada com uma história da China, entre outras de igual valor e beleza. Com projeto gráfico/editorial muito rico e adequado aos jovens leitores, o conjunto de contos selecionados é ilustrado com imagens de tecidos e tapeçarias, além de alegres e sugestivas cercaduras de páginas. Um texto informativo sobre cada modalidade de tecido antecede as narrativas, em linguagem simples e acessível. **ALICE ÁUREA MARTHA**

O livro é composto de sete capítulos, cada um dedicado a um tecido, e de um

conto de origem de determinado povo; assim a história da seda, sua origem chinesa, e uma lenda sobre o brocado de seda. A autora ao recontar “os contos de lugares distantes” nos aproxima desses povos pela apresentação de um tecido, um fazer próprio. Edição em papel couchê numa linda produção gráfica. Ilustrações de Rachel Griffin, que além de enquadrar o texto em todas as páginas, propõe outra leitura pela riqueza de detalhes, retalhos de tecidos, contas, selos e pequenos objetos que compõe cada ilustração.

CELINA RONDON

PRÊMIO FNLIJ MALBA TAHAN | O MELHOR LIVRO INFORMATIVO

Mil-folhas: história ilustrada do doce.

Lucrecia Zappi. Projeto gráfico de Maria Carolina Sampaio e Paulo André Chagas. Cosac Naify

São “memórias do açúcar”, como bem diz a introdução desse livro instigante e delicioso de Lucrecia Zappi. A sua leitura é uma viagem difícil de seguir adiante, pois em cada página, se manifesta a vontade da releitura. Custa-nos abandonar o que passou, embora haja a expectativa do que virá adiante. O texto, brilhantemente leve, nos conduz por histórias, desvendando mistérios e revelando curiosidades que abrem portas e janelas insuspeitadas à cultura do doce. A autora parece abranger toda a imensa área coberta pelas possibilidades do açúcar, orientando seu olhar para o nacional e o estrangeiro, articulando as seções e os capítulos com maestria. Informações históricas preciosas são oferecidas, num “caldo” antropológico sob a ótica do doce. O resultado mostra como se pode tratar qualquer tema com resultados compensadores para a inteligência do leitor, que sairá enriquecido – e não só caloricamente – após a leitura. As imagens que compõem o livro: ilustrações, fotografias e pinturas foram selecionadas primorosamente, em harmonia total com o texto, caminhando paralelamente. A capa, com ilustrações minimalistas sobre o doce, acompanha o apuro da publicação. É um livro “sensorial” que ativa o gosto pela vida. **MARIA TERESA GONÇALVES**

PEREIRA

Quem imaginaria tanta história por trás de um simples chiclete? Brigadeiro, alfajor, doces que fazem parte da nossa memória afetiva e açúcar, muito açúcar, se apresentam de um jeito delicioso (não há palavra mais adequada

e óbvia aqui...) no texto descontraído, mas exigente, e arrojadíssimo projeto gráfico de *Mil-folhas: história ilustrada do doce*, de Lucrecia Zappi. Um livro lindo! **FABÍOLA FARIAS**

Nessa obra, a perspectiva sociocultural e histórica dos doces mistura-se às curiosidades acerca deles e de seus criadores. A originalidade do tema, do título da obra – *Mil-folhas: história ilustrada do doce* – e da organização dos seus capítulos – *alto-mar, país de açúcar, xocoatl e chictli, os derretidos, sal doce, dos mongóis ao zen, castelos de açúcar* – associada a uma riquíssima pesquisa iconográfica, reunindo fotos, mapas, propagandas, pinturas, xilografuras etc., tornam a leitura do livro literalmente uma delícia. O agradável texto informativo, amparado em consistente pesquisa bibliográfica, é acompanhado de textos curtos dos mais diferentes gêneros, como trava-língua, trechos de poemas e de narrativas literárias, preções, trova, anúncios, legendas, constituindo uma estrutura hipertextual que torna a leitura ágil e dinâmica, além de muito enriquecedora. O projeto gráfico primoroso inclui ainda um brinde para o possuidor da obra: um pequeno caderno de receitas a ser montado, destacando-se as folhas sem prejuízo da integridade da publicação. Se há muito se acreditava que os doces elevavam o espírito de quem os comia, como nos ensina Lucrecia Zappi, podemos dizer, parafraseando-a, que ler sobre “as memórias de açúcar” eleva o espírito de quem o faz. **PROALE**

A jornalista, tradutora e escritora Lucrecia Zappi (1972) elabora uma empolgante história do doce, em que as informações chegam ao leitor segundo uma organização muito dinâmica. Para atrair os jovens leitores, são evitadas as cronologias e periodizações lineares da historiografia tradicional, com as informações apresentadas por meio de capítulos temáticos que aglutinam os diferentes tipos de doce, segundo critérios diversos como, por exemplo, “doces típicos brasileiros”, “derretidos (sorvetes & cia)” ou “doces pouco doces”. O projeto gráfico/editorial da obra é primoroso, explorando uma rica pesquisa de imagens de diferentes épocas, tratadas de maneira original e diagramadas de modo muito arejado e criativo. **JOÃO LUIS CECCANTINI**

A lua dentro do coco.

Sergio Capparelli. Il. Guazzelli. Projeto

Sergio Capparelli nos apresenta um livro instigante, não apenas pela qualidade literária que já o acompanha desde sempre, mas pela articulação entre texto e ilustração que resulta em um trabalho bastante original. “Conta” a história de um macaquinho que queria pegar a lua e os estratagemas de que se utiliza para fazê-lo. A história, em versos, é pontuada por situações engraçadas. Realidade e fantasia convivem harmoniosamente, auxiliadas por pitadas de *nonsense* que tornam a “narrativa” instigante. Capparelli elabora sua criação com elementos da poesia concreta, selecionando-os para potencializar a palavra. São letras em tamanhos diferentes, palavras em várias posições, tipos de letras misturados, maiúsculas inesperadas, enfim, recursos que surpreendem e encantam. Guazzelli valoriza o texto, não só pelas qualidades das ilustrações em si, mas por colocá-las a serviço do texto, em posições e espaços que dão relevo à poesia. Enfim, o livro é para ser lido e apreciado como um conjunto de elementos verbais e não verbais que transforma o ato de ler em genuíno prazer. **MARIA TERESA GONÇALVES PEREIRA**

O personagem dessa história em versos é um macaquinho que queria pegar a lua. Estou sabendo que esse macaquinho sapeca tirou o sossego do poeta Sérgio Capparelli, até que ele resolvesse publicar essa história inspirada em uma lenda chinesa. As palavras de Capparelli se misturam aos desenhos e traços finos e detalhistas de Guazzelli, formando uma arte visual perfeita. O resultado é um livro lindo, páginas de cores suaves se alternam com outras totalmente escuras. O movimento dos textos lembra as peripécias do macaquinho. Horas as letras deslizam, escorregam, aumentam de tamanho, ficam juntinhas, depois se separam, formam ondas e seguem buscando... Orientando o leitor nessa busca – *A lua dentro do coco*. Um trabalho criativo, inteligente, delicioso de ver e ler. **MARIA TEREZA BOM-FIM PEREIRA**

A poesia por vezes se aproxima do lúdico, e Capparelli é um craque nisso já sabíamos, mas ao se juntar a Guazzelli, que também tem um traço concreto/*nonsense*, o resultado foi uma obra de excelente qualidade. O texto instigante e as ilustrações colocadas a serviço do texto, onde o verbal e o não verbal são inseparáveis, oferecem ao leitor um imenso prazer. **VERA VARELLA**

Com engenho e arte, o poeta/artesão da língua, junta palavras, cria imagens inusitadas e joga o jogo do texto poético. A história do macaquinho que queria pegar a lua, aparentemente simples e banal, cresce e vira poesia na pena do autor, com lances de humor e ironia. Poesia é a arte da seleção e da combinação de palavras que Caparelli domina com maestria e originalidade. A diagramação segue o ritmo do texto. As ilustrações em páginas inteiras ou duplas, aliadas à seleção de cores, ao jogo de luz e sombra, de forma e fundo, tornam a leitura ainda mais prazerosa. O formato do livro, a capa e o projeto gráfico valorizam o texto e a difícil arte de fazer poesia. **ROSA CUBA RICHE**

PRÊMIO FNLIJ GLÓRIA PONDÉ | O MELHOR PROJETO EDITORIAL

Mil-folhas: história ilustrada do doce.

Lucrecia Zappi. Projeto gráfico de Maria Carolina Sampaio e Paulo André Chagas. Cosac Naify.

A pesquisa iconográfica, a mistura de fotos, ilustrações antigas que remontam à época da invenção dos doces, mapas, litografias, iluminuras, embalagens antigas, histórias em quadrinhos são alguns recursos utilizados nessa obra que a diferencia das demais. O tipo de papel escolhido, o tom das páginas, o papel celofane colocado antes das capas que lembra as embalagens das caixas de doces e a disposição harmoniosa dos textos chamam a atenção do leitor. Todo o cuidado com o projeto editorial, do miolo à capa, tornou a obra merecedora do prêmio. **ROSA CUBA RICHE**

Com uma ilustração memorialística, selecionada com doce prazer, a jornalista Lucrecia Zappi nos delicia com as cores e os sabores da história de doces feitos com “açúcar e com afeto”. E também com mel! Dentre as viagens que as caravelas portuguesas empreenderam, as de Pedro Álvares Cabral tiveram sorte: nelas havia doce para os viajantes. Imagine, conquistaram a simpatia dos índios com pão, balas e figos em passas. Lucrecia fala dos chefes e dos inventores, mas não se esquece de “João e Maria” dos irmãos Grimm, do pé de moleque, do pão de ló, do brigadeiro, do sorvete, do amasaki japonês, da Madeleine vinda da França. Tudo está docemente ilustrado! **MARIA NEILA GEAQUINTO**

Cores e sabores estão presentes nesse bonito livro de Lucrecia Zappi que conta

a história do doce no mundo. São 147 ilustrações, compreendendo desenhos, fotografias, xilogravuras, espalhadas de forma harmoniosa pelas páginas do livro. A riqueza dos detalhes se evidencia na capa, miniaturas de brinquedos, doces variados, balança, bolos confeitados, tudo que integra o universo do doce. **NEIDE MEDEIROS SANTOS**

PRÊMIO FNLIJ | A MELHOR ILUSTRAÇÃO – HORS-CONCOURS

Psiquê.

Angela-Lago. Il. Angela-Lago. Cosac Naify

As ilustrações de *Psiquê* mais sugerem que revelam. O jogo de luzes e sombras proposto pela artista deixa-nos apenas entrever as personagens que integram a narrativa. A “noite” das ilustrações gera uma atmosfera a um só tempo onírica e lúgubre, e essa última característica só irá se desfazer nas duas últimas cenas, inundadas de luminosidade, que celebram o final feliz dessa bela história de amor. As funções estética, poética e simbólica são as que predominam no texto visual da obra, o que potencializa a apreciação estética do leitor. **PROALE**

Na história de Apuleio, recriada por Angela-Lago, os amantes Eros e Psiquê eram tão bonitos que seria impossível descrevê-los. A ilustradora procurou ser fiel à informação, e os personagens aparecem sempre envoltos em sombras, parecem silhuetas. Cada ilustração exige um olhar atento do leitor. As borboletas povoam as páginas do livro, elas aparecem em forma de asas, nas costas de Eros, entalhadas nos dourados das portas ou em algum cantinho das páginas. De forma discreta, elas se espalham pelas páginas do livro. Atente-se para este detalhe: o vocábulo “Psiquê” apresenta significados distintos e um deles é borboleta. Se a história de “Eros e Psiquê” é uma brincadeira de ocultar e revelar, a narradora/ilustradora conseguiu atingir o objetivo. Texto verbal e pictórico brincam de revelar e ocultar, e o leitor tenta adivinhar o que está oculto. Um olhar deve ser dirigido à capa. A primeira impressão é a de uma noite escura salpicada pelo brilho das estrelas. Impressão que encantou a poetisa Adélia Prado e encanta todos os leitores.

NEIDE MEDEIROS SANTOS

Como já exposto, o trabalho da autora merece o prêmio, pela qualidade estética das ilustrações. O jogo de luzes e sombras, que dirigem o olhar do leitor

para os conteúdos mais significativos, a mudança de planos, o aproveitamento das cores e a crescente iluminação, que se abre ao final do livro, contam uma história que dialoga com aquela narrada pela linguagem verbal, compondo um todo expressivo extremamente rico. **VERA AGUIAR**

PRÊMIO FNLIJ | A MELHOR ILUSTRAÇÃO

O corvo.

Edgar Allan Poe. Il. Manu Maltez. Scipione

A partir do poema clássico de Edgar Allan Poe, *O corvo*, o artista brasileiro cria uma narrativa composta unicamente por imagens, valorizando o elemento pictórico do animal – sua cor negra. Utilizando o contraste entre o branco da página e o preto do traço, o autor alcança um efeito original, representando ao mesmo tempo o cotidiano conhecido da vida urbana nacional.

REGINA ZILBERMAN

Trata-se do famoso poema de Edgar Allan Poe, *O corvo*, transcriado imagetivamente por Manu Maltez, artista plástico e músico paulistano. As ilustrações aparecem sozinhas, constituindo uma narrativa própria, sem a presença do poema. Uma verdadeira versão livre, atual e brasileira, sem palavras, do cultuado texto. O poema só aparece ao final do volume, em sua versão original, em inglês, e em duas traduções para o português feitas por Fernando Pessoa e Alexei Bueno. O projeto gráfico é primoroso, em formato retangular (28,5 x 21,5), apresentando capa dura e um fino acabamento, em papel couchê 150 g/m². Os desenhos, em preto e branco, transportam a agourenta ave para um cenário urbano, recortado por lembranças, desejos, solidão, reinventando o universo onírico e fantasmagórico do poema original. Um livro de arte, sem dúvida, adequado à sensibilidade contemporânea, inquietante e muitas vezes sombria, mas que também caracteriza uma parcela das angústias juvenis. **GPELL – CEALE**

Manu Maltez é um artista genial, perseverante, seguro, determinado e autônomo. *O corvo* ressurgiu das mãos habilidosas de Maltez, que sabiamente expressa sua reverência à obra-prima de Poe, imprimindo-lhe a força, a visceralidade e o lirismo do seu traço. As imagens desse livro são expressivas, intensas. Só mesmo um artista com tanto potencial criativo é capaz de uma produção tão grandiosa. O resultado é inusitado, surpreendente e originalíssimo. **MARIA TEREZA BOM-FIM PEREIRA**

Quimonos.

Annelore Parot. Trad. Eduardo Brandão. Companhia das Letrinhas

A obra atende a dois objetivos: valoriza a cultura japonesa, sob a ótica do mundo feminino, e introduz o leitor à manipulação do livro na forma de brinquedo como, aliás, é próprio dessa categoria. **REGINA ZILBERMAN**

O projeto gráfico e as ilustrações atraem o leitor, levando-o a conhecer aspectos interessantes da cultura e tradição japonesa. **ISABEL MARIA VIEIRA**

Quimonos é um livro brinquedo que tem um diferencial, é praticamente uma vitrine de quimonos, possibilitando que as crianças ao brincarem conheçam essa indumentária tão bela e antiga dessa cultura tão distante. As páginas são duplas, e quando abrimos o livro temos a sensação de adentrarmos em uma exposição ou em um imenso *closet* de uma gueixa. O livro é belo, com ilustrações de cores intensas também comuns nessa cultura. A capa já convida o leitor para essa viagem lúdica e bela. **VERA VARELLA**

O livro *Quimonos* possui um belíssimo projeto gráfico. Desde a capa com desenhos feitos em um material que parece tecido para confeccionar quimonos. Há uma faixa de tecido vermelho. E não deixa a desejar quanto ao conteúdo. Um belo e rico brinquedo. A criança vai encontrar diversos jogos/brincadeiras. Em cada página, uma proposta: encontrar as roupas do vestiário da menina, da mãe, do pai da menina. Em cada página uma novidade. Hora a brincadeira é descobrir os acessórios que combinam com os quimonos, hora é para observar os penteados, descobrir quem está de costas e outras coisas mais. Um breve passeio pelo Japão: um pouco dos costumes das crianças que vivem lá. **MARIA TEREZA BOM-FIM PEREIRA**

Yumi.

Annelore Parot. Trad. Eduardo Brandão. Companhia das Letrinhas

O livro *Yumi*, que tem como personagem a famosa boneca Kokeshi, foge da visão imposta que domina o mundo infantil. As ilustrações originais, com

uma seletiva escolha de cores, confirmam a criatividade da autora e do ilustrador que agiram como um só na confecção do livro. A obra oferece interatividade ao leitor, onde todos se divertem na arrumação para a festa à fantasia e, assim, o mundo mágico das Kokeshis está em nossas mãos pronto para ser admirado. Com um projeto editorial bem elaborado, o livro estimula a curiosidade visual para a sua descoberta. Sua beleza encanta o público infantil, tornando-se o melhor brinquedo. **ROSA MARIA FERREIRA LIMA**

Cada página é uma descoberta, um agradável passeio por um país distante e tão diferente, mas conduzido por uma pedagogia que privilegia a estética através de desenhos, recortes, imagens ricamente coloridas e seleção criteriosa de conteúdo cultural, que despertam a curiosidade e o encanto de crianças, jovens e adultos. Trata-se de um livro-brinquedo, onde forma e conteúdo estão harmoniosamente dispostos e cativam da primeira à última página, deixando um gostinho de “quero mais”, possibilitado pela Companhia das Letrinhas, que editou da mesma autora o livro *Quimonos*, também conduzido pela *Kokeshi Yumi*. É possível aprender e se deliciar com palavras japonesas, também em **kandi** e **hiraganá**, por meio de interações divertidas e de uma riqueza editorial que consegue unir a tradição da cultura japonesa com o que há de mais contemporâneo e criativo no campo do design gráfico/editorial. **TÂNIA PIACENTINI**

O livro apresenta de forma lúdica o universo japonês, levando a criança a interagir com o mesmo, na medida em que é levada pela personagem a conhecer brinquedos, roupas, alimentos, árvores, fantasias, enfim, aspectos específicos da cultura nipônica. Ao mesmo tempo em que o leitor monta suas personagens e brinca com elas, fazendo escolhas, a história evolui, levando-o a conhecer novos modos de viver e conviver. Pela proposta lúdica da narrativa, em que a personagem dirige-se sempre ao leitor, e pela qualidade das ilustrações e do projeto gráfico, o livro oferece à criança uma rica experiência estética e existencial. **VERA AGUIAR**

PRÊMIO FNLIJ LUCIA BENEDETTI | O MELHOR LIVRO DE TEATRO

Teatro infantil completo.

Maria Clara Machado. Org. Luiz Raul Machado. Nova Aguilar.

Maria Clara Machado é um nome definitivo na dramaturgia para crianças no

Brasil. Pioneira, sua vida e obra é um marco divisório. Há o teatro infantil antes e depois do Tablado criado por ela. Neste país novidadeiro, ele continua lá oferecendo o melhor. Faltava uma publicação que reunisse a sua produção como autora, diretora e atriz. A Editora Nova Aguilar reuniu tudo em um único volume sob a organização do escritor e editor Luiz Raul Machado. O resultado é magnífico. O livro é leitura obrigatória para leigos ou iniciados, profissionais ou amadores do teatro. A obra é completa. Um presente para a nossa sensibilidade. Há fotos históricas e também lindas ilustrações do mestre Rui de Oliveira. Uma lição de vida de quem deixou um trabalho maravilhoso para as crianças, através de suas peças e o exemplo de tenacidade da mestra na arte de viver e produzir coisas boas. **ISÍS VALERIA**

A obra compreende uma pequena biografia de Maria Clara Machado, alguns depoimentos da autora, críticas escritas sobre ela em jornais por grandes escritores brasileiros, fotos, bibliografia e vinte quatro peças de teatro de sua autoria. O livro editado pela Editora Nova Aguilar em papel bíblia tem 1.149 páginas e é um material importante por abranger em um único volume a história e o trabalho dessa escritora que tanto contribuiu para o crescimento do teatro brasileiro. **GLÁCIA MARIA MOLLO**

Se por um lado somos brindados com péssimos exemplos de peças de teatro infantil, de outro somos presenteados por artistas – autores, atores, diretores – que têm um verdadeiro amor e respeito pelas crianças e pelo teatro. E um desses grandes artistas é, com toda justiça quando se fala em teatro infantil, Maria Clara Machado. Como nenhuma outra, Maria Clara Machado e o seu teatro são até hoje referência de cultura, arte e entretenimento para gerações de pais e filhos, desde meados da década de 50. Maria Clara Machado, com seus textos e com o Tablado – seu grupo de atores e laboratório para o seu teatro – inundou com magia e encantamento o público e influenciou profundamente a carreira de inúmeros atores que até hoje – a maioria deles já em sua fase artística mais madura – não conseguem esquecer a importância dessa grande mulher de teatro em suas formações artística e pessoal. Esse livro, cuidadosa e lindamente editado pela Editora Nova Aguilar, tem uma organização primorosa feita por Luiz Raul Machado. É uma ótima oportunidade para conhecer a obra da mais importante escritora, autora, professora e diretora teatral que criou, em mais de cinquenta anos de carreira, um universo mágico que tem o teatro como guia e as crianças como um diamante

te a ser lapidado com respeito, amor e arte. **TÂNIA PIACENTINI**

O livro lançado em 2010 pela Editora Nova Aguilar – *Teatro infantil completo* - é o melhor presente que se poderia imaginar para comemorar os noventa anos que completaria este ano nossa grande figura da dramaturgia brasileira. Organizado com atenção impecável e afetuosa por Luiz Raul Machado, reúne em ordem cronológica 24 peças já publicadas pela editora Agir entre 1970 e 1986, acrescenta “A coruja Sofia”, editada separadamente e ainda quatro peças inéditas em livro. A presente edição se distingue pelo fato de que, pela primeira vez, um autor de obra destinada a crianças, também apreciada por adultos, alcança este privilégio: a publicação de todas as suas peças e ainda preciosas informações sobre datas das estreias, nomes dos diretores, dos autores, de cenários e figurinos, atores, músicos e as partituras das canções, tudo em um único livro de esmerada produção gráfica. Além disso, o organizador acrescentou um ensaio sobre a vida da autora, diversas entrevistas dadas por ela própria sobre a criação e a vida do teatro amador “O Tablado”, que completa também em 2011 sessenta anos de sucesso. E naquele pequeno palco montaram-se tantas obras importantes da dramaturgia internacional, todas as peças de Maria Clara por ela dirigidas, e ainda se formaram atores e diretores que brilharam e brilham em nossos palcos e emissoras de televisão, tornando-se uma verdadeira escola de teatro. Para completar, uma seleção de críticas feitas por intelectuais de renome e críticos atuantes na imprensa carioca, preciosa iconografia e a bibliografia completa da autora. Uma obra importante que relembra o belo caminho que Maria Clara Machado percorreu durante toda a sua vida e a enorme influência que exerceu sobre os rumos do teatro brasileiro. **LAURA SANDRONI**

PRÊMIO FNLIJ CECÍLIA MEIRELES | O MELHOR LIVRO TEÓRICO

Crítica, teoria e literatura infantil.

Peter Hunt. Trad. Cid Knipel. Cosac Naify.

A publicação de *Crítica, teoria e literatura infantil* é um marco para os estudos literários no Brasil. A reflexão acadêmica sobre a produção literária destinada a crianças, bem como sua qualidade, ainda é muito tímida e pulverizada por aqui. Se por um lado, os estudos sobre a leitura e a formação de leitores junto a essa faixa-etária têm a primazia nas universidades e nos

programas governamentais; por outro lado, a literatura, que é o seu objeto real, tem ficado em segundo plano, mesmo esse segmento representando uma enorme fatia do mercado editorial no país. *Crítica, teoria e literatura infantil* coloca a literatura infantil em evidência e fortalece a reflexão que, há mais de quarenta anos, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil vem propondo e realizando, atualmente menos solitariamente, junto a seu grupo de especialistas votantes. **FABÍOLA FARIAS**

Peter Hunt apresenta crítica e teoricamente os atores da literatura infantil: escritores, ilustradores, editores, professores e pesquisadores dos livros para criança. Mesmo sendo um ensaísta britânico suas abordagens são abrangentes e universais. Apresenta e critica aspectos que diferenciam essa literatura daquela “para adultos”: o destinatário? Ou o vocabulário, os personagens, a estrutura narrativa? **MARIA DAS GRAÇAS M. CASTRO**

Um livro que merece fazer parte do acervo bibliográfico de todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estão envolvidos com a literatura infantil.

Publicado em 1991, *Criticism, Theory and Children's Literature*, de Peter Hunt, só foi traduzido para a língua portuguesa recentemente por Cid Knipel, com o título *Crítica, teoria e literatura infantil*. Uma edição rica tanto na forma quanto no conteúdo, cuidadosamente revisada pelo autor, que veio contribuir como fonte de pesquisa para estudiosos, professores, bibliotecários, pedagogos e pesquisadores brasileiros, especialmente pelo fato de nossas fontes teórico/críticas terem se restringido preferencialmente a autores brasileiros. O olhar do outro que vem contribuir para o próprio e para o alheio. Nesse livro, o professor inglês explora criticamente inúmeras facetas que envolvem o livro infantil, passando pela figura do crítico, do leitor, do professor, do estilo e da estilística, da narrativa, da política e ideologia, da produção e das novas mídias, deixando claro a importância de uma crítica coerente e judiciosa nos livros para crianças. Segundo Hunt, “a literatura infantil é diferente de outra literatura, e devia ter um tipo diferente de crítica e teoria” (p. 269). E é por causa dessa frase, a qual poderia ser compreendida como “mote” do livro, que a literatura infantil deve ser definida em termos de crianças e de literatura. Além disso, a ideia de que os livros para crianças são literatura simples, trivial e que se destinam a uma cultura menor são evidenciadas no texto como momentos cruciais de reflexão: o único elemento que a distingue é o seu público, e a literatura “é o que escolhemos fazer dela”

(p. 90). Entre inúmeras manifestações interessantes e inquietantes lançadas pelo professor-pesquisador, terminamos com o conceito de crítica para trabalharmos nessa área: a adoção da “crítica criancista”, ou seja, adultos lerem como crianças. Mas, parafraseando Hunt, o que significa ler como uma criança, dadas as complexidades da interação cultural? **TÂNIA PIACENTINI**

O livro *Crítica, teoria e literatura infantil*, de Peter Hunt, em edição primorosa pela Cosac Naify, é leitura obrigatória para estudiosos, professores de todos os níveis de ensino e para leitores comuns que têm interesse pela literatura infantil. Embora tenha sido publicado na Grã-Bretanha há 20 anos, a obra reacende uma bem-vinda discussão conceitual que recoloca a literatura infantil no patamar crítico e teórico dos estudos literários. As temáticas dos capítulos apontam questões substanciais para quem pesquisa e para quem atua na formação de professores, na formação de leitores. Elas oferecem recortes variados da literatura produzida para crianças, que vão desde a crítica propriamente dita, permeada pela reflexão em torno de sua definição, até a abordagem textual – verbal e imagética – que a caracterizam. A edição foi revista e ampliada – o capítulo A literatura infantil e as novas mídias, por exemplo, foi escrito recentemente – e o autor se preocupou em dialogar com repertórios culturais mais amplos, evitando o olhar “anglocêntrico”, como ele mesmo afirma no prefácio à edição brasileira. Por todas as razões apontadas, que promovem e renovam o diálogo intercultural no campo de estudos da literatura infantil. **GPELL-CEALE**

PRÊMIO FNLIJ FIGUEIREDO PIMENTEL | O MELHOR LIVRO RECONTO – HORS-CONCOURS

Psiquê.

Angela-Lago. Il. Angela-Lago. Cosac Naify

E assim Angela-Lago inicia a apresentação do lendário mito grego de Eros e Psiquê, cujo primeiro registro data do século II d.C: “Esta história é de encantamento. Traz vida longa e boa sorte a todos que a escutam ou a leem”. Sem dúvida o projeto gráfico proporciona esse encantamento através do céu cheio de estrelas sugerido pela capa negra cheia de furinhos prateados. Adélia Prado assina o texto de quarta capa com a força de seu texto poético: “Não quero ferir a delicadíssima força desse livro feito de pura be-

leza. Rendo-me ao seu clima de sonho.” No livro, imagens deslumbrantes contrastam luz e sombra. A princesa “impossível de pintar ou descrever” e o monstro “mais terrível dos seres” surgem como silhuetas em meio a folhagens, grossos troncos ou um castelo iluminado em tons dourados. **MARIA DAS GRAÇAS M. CASTRO**

A história de Cupido e Psiquê apareceu pela primeira vez nos registros de Apuleio, escritor do segundo século da nossa era. É uma lenda muito mais recente que a maioria das outras da Idade da Fábula, que também nos foi apresentada em versos de T.K.Harvey. Angela-Lago, com sua maestria em recontar belas histórias brinda os leitores com *Psiquê*, cuja narrativa com uma linguagem inovadora e envolvente propicia ao público-alvo compartilhar cenas de ciúme, inveja, desconfiança e principalmente de amor que traz o conto. Uma nova elaboração dos personagens com admirável desenhatura traz nova vida à história que não é contada apenas através de palavras, mas também de belas imagens que contribuem para a montagem de todo o cenário na imaginação do leitor. É um livro completo. **ROSA MARIA FERREIRA LIMA**

Angela-Lago em *Psiquê* não apenas atualiza o mito já conhecido de Eros e Psiquê, mas o ilumina de forma delicada, surpreendente e reveladora, ao esconder o que deve permanecer oculto. Livro lindo. Uma obra de arte para muitas idades e interesses. **SUELI DE SOUZA CAGNETI**

”Esta história é de encantamento. Traz vida longa e boa sorte a todos que a escutam ou leem.” Dessa forma o leitor é convidado a ler uma antiga história de amor, recontada e redesenhada por Angela-Lago. O amor proibido de Psiquê e Eros se esconde e se mostra, nas páginas que projetam sombras e luzes, em uma espécie de jogo que faz cócegas na imaginação. A noite estrelada guarda, no livro fechado, esse amor. O ousado projeto gráfico reproduz o céu em papel escuro, cheio de pequenos furos por onde entra a luz das estrelas. **GPELL – CEALE**

PRÊMIO FNLIJ FIGUEIREDO PIMENTEL | O MELHOR LIVRO RECONTO

Coleção Palavras rimadas com imagem: A história da Princesa do Reino da Pedra Fina; A história de Juvenal e o dragão e A história da garça encantada.

Leandro Gomes de Barros. Recontadas por Rosinha. Xilogravuras de Rosinha, Meca Moreno e Davi Teixeira. Projeto.

Três livros do poeta popular do Recife chamado Leandro Gomes de Barros resultaram nessa coleção, na qual Rosinha fez os recontos levando em conta o público-alvo. Escrito em linguagem simples e com pequenas frases, a autora nos dá uma amostra do trabalho de poesia popular que está nas histórias escritas por Leandro. Junto com a obra recontada segue um folheto impresso com os poemas para os leitores que quiserem conhecê-los na íntegra. São temas que prendem a atenção das crianças, visto que trabalham com suspense, amor e justiça. As ilustrações são lindas em xilogravura e bem escuras, ressaltando alguns objetos em cada página e causando uma agradável sensação para os nossos olhos. Os três livros são bons sem indicação do melhor entre eles. **GLÁUCIA MARIA MOLLO**

Três folhetos de cordel foram recontados por Rosinha – *A história de Juvenal e o Dragão*, *A história da Princesa do Reino da Pedra Fina* e *A história da garça encantada*. Rosinha participou do trabalho das ilustrações com xilo, juntamente com os xilógrafos Meca Moreno e Davi Teixeira. Essas histórias pertencem à literatura de cordel e foram contadas e divulgadas pelo grande cordelista paraibano, Leandro Gomes de Barros. São três livros que trazem as histórias resumidas dos folhetos de cordel em prosa, uma breve biografia de Leandro Gomes de Barros, informações sobre o gênero do cordel e a reprodução dos três folhetos, na versão integral, que aparecem encartados na contracapa dos livros. A coleção vem em uma bonita caixa de papel reciclado e traz ilustrações em xilogravuras. Quando comparamos o texto original com o conto observamos que, ao recontar as histórias, houve economia de palavras, mas o conteúdo permaneceu fiel ao folheto. Destaque-se a bonita apresentação dos livros, o bom projeto editorial. As matrizes das xilos, geralmente, são feitas de madeira. A cor marrom e a imitação da fibra da madeira estão presentes em todas as páginas do livro. São livros artísticos.

NEIDE MEDEIROS SANTOS

São três contos de Leandro Gomes de Barros (poeta popular pernambucano nascido em 1865) recontados com muito talento por Rosinha. O presente chega aos leitores em uma caixa de papel rústico. Além dos três livros coloridos e ilustrados com a técnica da xilogravura, cada volume traz na aba o

livreto contendo o texto integral. Um material deslumbrante. Maravilhoso! Digno de premiação! **MARIA TEREZA BOM-FIM PEREIRA**

A Coleção é composta por três livros acondicionados em uma caixinha bem funcional: *A história de Juvenal e o Dragão*, *A história da Princesa do Reino da Pedra Fina* e *A história da Garça Encantada*. Cada obra, a adaptação de um título do célebre poeta popular Leandro Gomes de Barros (1865-1918), originariamente publicado como cordel, vem acompanhada por um livreto com o formato original e a versão integral da história. Nos livros, as narrativas são recontadas por Rosinha, com muita precisão e graça, tendo sido selecionadas entre a vasta produção do poeta popular. É ela também a autora das ilustrações de cada um dos três livros, utilizando reproduções de matrizes de xilogravuras, de modo a preservar a atmosfera visual típica dos folhetos de cordel. **JOÃO LUIS CECCANTINI**

PRÊMIO FNLIJ HENRIQUETA LISBOA | O MELHOR DE LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Avô, conta outra vez.

José Jorge Letria. Il. André Letria. Peirópolis

Coleção de poemas de excelente qualidade, valorizando a voz do idoso que igualmente representa no texto a confiança necessária à construção da personalidade da criança, ouvinte dos versos. **REGINA ZILBERMAN**

José Jorge Letria, autor português, com seu filho, o ilustrador André Letria, fazem uma parceria completa nesse livro que é pura poesia. Através das palavras, o avô confia ao neto os seus desejos, sua doçura, suas histórias. O neto, que por sinal não aparece nenhuma vez nas ilustrações, representa a memória de uma geração que se une a outra de forma terna e eterna através da arte: “E peço que não te esqueças/do nosso encontro marcado/seja à esquina de um livro/ou num quadro bem pintado.” A capa dura do livro, assim como as páginas duplas, num tom de um colorido pastel, destacam os objetos, as fotografias, os animais, os livros. Tudo num conjunto que remete ao pedido final do contador de histórias: Ó avô, conta outra vez? **IRAÍDES COELHO**

Delicadamente e em versos, Letria fala da relação bonita e sempre nova en-

tre um avô e seu neto. Ao recordar passagens e ensinamentos, o avô conta histórias esperando que o neto lhe peça sempre que conte outra vez. E ao sugerir um tempo futuro, no qual já terá partido, pede que, como gesto de perpetuar esses momentos, seu menino possa lhe dizer ainda **Avô conta outra vez**. Livro bonito, com ilustrações sugestivas de André Letria, não depende de idade para ser lido com emoção e encantamento. **SUELI DE SOUZA CAGNETI**

Os versos em redondilha maior de José Jorge Letria, cheios de ritmo e musicalidade, revelam todo o sentimento construído pela intermediação da palavra de um avô por seu pequenino neto. É assim que o “eu lírico” declara seu amor pleno de delicadezas e singelas atitudes. É por meio das histórias contadas por um avô ao seu neto que se dá o encontro entre as gerações – daquele que envelhece e do que está a chegar. E é também por meio das palavras que os laços de afetividade vão se firmando e se intensificando, num fio atravessado de memória. Na repetição do verso que dá título ao livro “Ó avô, conta outra vez”, a voz do neto exprime a importância do discurso, da palavra e das histórias no estabelecimento do forte vínculo firmado entre ambos para além da vida. As ilustrações de forte caráter simbólico, em tons ocres, dialogam perfeitamente com as estrofes do poema; o projeto gráfico/editorial, de excelente qualidade, oferece um livro que encanta leitores de todas as idades. **PROALE**



FNLIJ

DESDE 1968

**Fundação Nacional do Livro
Infantil e Juvenil**

Rua da Imprensa, 16 sl. 1212

cep: 20030-120

tel: 21 2262-9130

fax: 21 2240-6649

e-mail: informacao@fnlij.org.br

www.fnlij.org.br